

LAMPIÃO: REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DE CORDEL EM FOLHETOS DE FRANKLIN MAXADO

Roberto dos Reis Cruz (UEFS)

roberttcruz@yahoo.com.br

Benedito José de Araújo Veiga (UEFS)

bveiga@uol.com.br

1. *Considerações iniciais*

A literatura popular sempre existiu, pois sempre existiu povo, nos afirma o cordelista Franklin Maxado (1988, p. 11). O processo de construção da literatura de cordel parte do pressuposto de que no “princípio foi o verbo”, a palavra. Todas as formas de expressão, neste aspecto, caracterizam-se por ser de origem oral.

Assim, “o rei do cangaço”, Lampião entra como uma figura histórica que comparados aos aspectos de aventuras, povoam o imaginário na literatura de cordel, despertam em estudiosos o deleite de discutir o processo que se deu desta história.

As representações de Lampião em folhetos de cordel, na perspectiva do cangaço buscam através dos cordéis *Lampião morreu em Sergipe, pensando deixar o cangaço* e *A alma de Lampião faz misérias no Nordeste* algumas configurações do famoso cangaceiro.

Dentre as temáticas de em estudo, podem-se extrair, a presença do Lampião no contexto histórico, o jogo entre história, realidade e ficção como elementos constituintes deste gênero literário. Deste modo, na tradição popular e as formas de construção imaginária e coletiva evidenciam-se as imagens ora negativa ora positiva em produções e leitores cordelistas. Assim, a vida do personagem influenciou muito na construção das identidades relacionadas ao período do cangaço de 1920 a 1938 nas regiões por onde existiu o cangaço e tornou-se um símbolo e referência para o homem sertanejo. Enquanto o rei do cangaço ainda vivia, os poetas escreviam sobre as suas lutas, seus crimes e seus feitos. Após sua morte, os folhetos passaram a ser sobre as fantasias e sonhos, chegando a serem absurdas.

2. *Franklin Maxado e o cordel nordestino*

Franklin Vitória de Cerqueira Barreiros Machado nasceu em 15 de março de 1943, na cidade de Feira de Santana (BA). Bacharel em direito pela Universidade Católica do Salvador e Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Maxado Nordestino e Franklin Maxado são nomes artísticos. Apesar de ter conquistado o nível Superior ele já demonstrava interesses pela literatura popular. Maxado sofreu influência dos cantadores e dos vendedores de folheto de cordel que transitavam na feira que emprestou o nome à cidade. Por isso, deixou as profissões de lado e se dedicou às profissões de poeta, cordelista, ator, xilógrafo, compositor, folclorista e estudioso dessas temáticas. Maxado é considerado um dos cordelistas mais importantes da literatura de cordel na contemporaneidade.

O poeta já publicou em média de trezentos cordéis e o primeiro foi *O paulista virou tatu pelo metrô* e teve o apoio do renomado cordelista Rodolfo Cavalcante. A partir daí, em mais de 33 anos de profissão, Maxado escrevia sem parar. Além desse, podemos citar alguns, como: *Lampião morreu em Sergipe pensando deixar o Cangaço*; *O Cordel do Cordel*; *O Sapo que Desgraça o Corinthians*; *Lampião na O.N.U. Defendendo o 3º Mundo*; *O Japonês que Ficou Roxo pela Mulata*; *Lampião Está vivo para muitos Nordestinos*; *O Crioulo Doido que Era um Poeta Popular*; *O Romance do Vaqueiro Marciano da Égua*; *Profecias de Antonio Conselheiro – O Sertão já Virou Mar*; *A Alma de Lampião Faz Misérias no Nordeste*; *A Volta do Pavão Misterioso*, dentre outros.

Maxado Nordestino escreve os seus cordéis com temáticas eróticas, romances, lendas, denúncias, o negro, o cangaço. O poeta utilizou elementos da cultura, de capoeira, do candomblé, e outras manifestações artísticas da região, alcançando sucesso e repercussão. Além desses assuntos, escreveu livros, como: *O que é literatura de cordel?* (1980); *O cordel televisivo: futuro, presente e passado da literatura de cordel* (1984); *Profissão de poeta* (1988), *Negramafricamente*, publicado em 1995; *Cordel* (2007) ano em que a editora Hedra organizou, na coleção Biblioteca de Cordel, uma antologia com cinco dos seus mais de 200 trabalhos.

2.1. Cordel, cultura popular e contemporaneidade

A literatura popular surge no Ocidente a partir do século XII, como uma manifestação leiga independente do sistema de comunicação e-

clesiástico, por se caracterizar como uma linguagem regional na passagem do século XVII para o XIX. Nessa transição, houve certo distanciamento das duas concepções de cultura entre cultura erudita e popular através da “quadrilha”. Ela é originária das contradanças das cortes europeias do século XVII. No século XIX, foi trazida para o Brasil.

No Brasil, ainda existia uma forma do vendedor poder evadir-se, quando aparecia algum guarda ou fiscal, pois o costume sempre foi expor os folhetos no chão, sobre folhas de jornal ou dentro de uma mala aberta.

Franklin Maxado escreveu um cordel cujo título é *Cordel do Cordel*, ao construir o seu folheto, apropriou-se deste gênero para definir o cordel:

Se Cordel vem do Galego
Este vem do Latim,
Vou cantar ainda melhor
Pra ninguém achar ruim.
Porque Cordel é cordão,
Barbante ou trancelim.
(...)
O Cordel veio da Europa
Com a poesia e repente.
Quando surgiu a imprensa,
Foi escrito para a gente
O que se falava e cantava
Na inspiração corrente.
[...]

(MAXADO, 1982)

A literatura nordestina ou de cordel é um tipo de poesia popular, originalmente oral, impressa em folhetos e são pendurados em barbantes para vendas em cordas, daí o nome cordel, tal como em Portugal. Alguns poemas e as suas capas são ilustradas com xilogravuras. O tamanho dos folhetos quase sempre medem 11 cm por 16 cm. É exatamente uma folha de papel sulfite dobrada em quatro. O que tornava os textos populares, não era o autor ou o público, mas sua “sua materialidade - sua aparência e seu preço” (ABREU, 1993, p. 48).

Antigamente, era comum verem folhetos de 16, 32 e até de 48 e 64 páginas. Os cordéis de oito páginas eram chamados de folheto; os de 16 de romances e tratavam na maioria das vezes de assuntos amorosos e trágicos. Os de 32 páginas em diante chamavam-se histórias e eram feitos pelos melhores poetas. Com o passar do tempo, devido ao encareci-

mento do papel e da impressão, as histórias e romances foram deixando a preferência popular.

3. *A representação de Lampião no cordel nordestino*

A cultura tem diversas formas de manifestações ou representações. A literatura de cordel não poderia ser diferente, pois aborda aspectos culturais de um povo. A compreensão dessas formas de construção dá-se a partir de elementos imaginários, reais e o próprio ato de fingir, marcadas na arte literária do cordel nordestino brasileiro. Isso se torna visível quando os autores de cordel enfatizam o cangaceiro Lampião e suas facetas.

O antropólogo Iser em *O fictício e o imaginário* (1996, p. 245) acrescenta que “o imaginário não resulta da imagem no espelho ou do olhar do outro. Ao contrário, o próprio “espelho” e sua possibilidade, e o outro enquanto espelho, são, em princípio, o efeito do imaginário, que é uma criação”.

A figura lendária do herói popular é criada, cuja inteligência estimula significativamente o imaginário na Grécia escravista, marcando com bastante ênfase a vida social e a produção cultural, visto que:

O imaginário não é a negação total do real, mas apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real. A negação do real, na qual está contida a concepção de loucura e ilusão não tem nada a ver com o conceito de imaginário, pois se encontram no imaginário, mesmo através da transfiguração do real, componentes que possibilitam aos homens a identificação e a percepção do universo real. (LAPLATINE & TRINDADE, 1997, p. 28).

Nesta perspectiva, podemos afirmar a proximidade do cordel com as grandes epopeias, visto que também na literatura popular nordestina os autores se voltam para a construção do herói, construindo sua obra a partir de elementos do imaginário popular.

Hobsbawn fala a respeito de quem ele ora chama de cangaceiro bandido, o Lampião, ora o vê como herói popular. (1976). Todavia, a ambiguidade ora apresentada abre um leque ao compreender o tratamento dado ao cangaceiro pelo fato dele não constituir um criminoso comum, mas que o próprio autor o define como bandido social.

O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que são proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como

heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e apoiados. (HOBSBAWN, 1976, p. 11)

A humanidade cresce com alguns mitos impregnados na memória devido às escutas de contos que as pessoas vão passando de geração em geração, como a história da “caipora”, do “boi-tatá”, da “mula sem cabeça”, dentre outros. De certo modo, a imaginação é fruto e marca do pensamento de um povo, ou seja, é a imaginação que é constituída do próprio universo literário.

Portanto, os cordéis *Lampião morreu em Sergipe, pensando deixar o cangaço* e *A alma de Lampião faz miséria no nordeste* são pertinentes, pois o primeiro traça um pouco da trajetória e presença do personagem no cangaço e o outro aborda a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Eis o começo: “*Lampião morreu em Sergipe, pensando deixar o cangaço.*”

Lampião e sua Maria
Foram mortos em Angicos
Numa grota como furna
À beira do São Francisco
Quando o casal já estava
Famoso e até rico.

(MAXADO, 2002)

O texto inicia-se com a morte do personagem Lampião e a sua adorável e amada Maria Bonita, que foi batizada por Maria Gomes de Oliveira. O bando foi atacado por policiais no Grotão do Angico e a história nos mostra um dado real. Eles foram metralhados, logo decapitados e, em seguida as suas cabeças estavam expostas.

[...]
Pois reinava já há 20
Anos por todo sertão.
Agora mais padecia
Com má vontade e traição
Tendo perdido coiteiros,
Amigos e três irmãos
[...]

(MAXADO, 2002)

A entrada de Lampião no cangaço também perpassava por essas “veias sanguíneas” que envolvem “terra, céu e mar”, mas por uma questão de sobrevivência, pois apesar de ter se tornado um herói dos maltratados, era também porta-voz das minorias do sertão sangrento. O que

Lampião nos mostra a razão que o tornou um “bandido” foi meramente o desejo de vingar a morte de seu pai e violências causadas aos seus familiares.

O cangaço agonizava
Não tendo mais descampado.
O Governo abria estradas.
Não tinha canto isolado.
Avançava o telegrafo.
Trazendo tudo ligado.

As polícias de Estados
Se uniam para agir
Com mais homens e mais armas
Em volantes a perseguir
Sem descanso os cangaceiros
Onde eles pudessem ir.

(MAXADO, 2002)

Por isso, Chiavenato (1990, p. 39) afirma que o “cangaço e polícia aplicavam os mesmos métodos. Identificavam-se ao agir contra o povo indefeso. Ambos matavam e perseguiram. O código moral era um só. Ambos vinham de um mesmo ambiente. As circunstâncias os separaram, mas não os distinguiram”.

A violência é provocada a partir de ações dos coronéis contra os proprietários de terra assim como o bem e o mal na figura do rei do cangaço vai se construindo várias facetas, recriam e deformam.

Sendo assim algumas representações como referências de identidades construídas a partir do que Edilene Matos (1986, p. 23) nos alerta sobre “a poética popular, ao dar forma ao pensamento; o poeta materializa o imaginário, conferindo-lhe o estatuto de realidade, ao tempo que abstratiza o real concreto”.

A representação explícita do processo do cangaço através da construção discursiva que o autor vai mostrando por meios dos verbos no infinitivo: valer, sofrer, parar, ter, evidenciam os problemas incansavelmente enfrentados pelo bando.

Dando ênfase ainda a análise do poema: *A alma de Lampião faz misérias no Nordeste*, eis o início.

Satã rogou a Lampião
Pra sair do seu Inferno
Lampião foi camarada
Foi pra porta do Céu eterno

Mas São Pedro se benzeu
Lhe pediu pra sair terno

(MAXADO, s.d.)

A figura satânica é vista como chefe do inferno, mostrando o seu poder sobre o seu território e não permite a entrada de Lampião. Nesse episódio, evidencia-se um personagem contrário dos comportamentos diante de outros impregnados na memória coletiva, mostrando o outro lado do cangaceiro: compreensível, educado, camarada, amigo. A narrativa estabelece uma veia entre contradições e o cômico escancarado do contra senso, bem como uma inversão de papéis entre o satã e Lampião. O jogo existente entre o bem e o mal, de Deus e o Diabo são marcantes. É visível a obediência de Lampião à Satã e São Pedro. A figura de Lampião como um cabra constata, de início, o estigma do sertanejo rude, valente e mal.

Mandou pra se retirar
Por bem o pra não ser por mal
Lampião saiu calado
Sabe qu'ê poder total
São Pedro abriu a porta
Ele desceu co' o escambal

(MAXADO, s.d.)

Poderíamos dizer que existem Lampiões: o morto e o ressuscitado; ou melhor, o Lampião do bem dominado pelo Satã e o Lampião do mal, dominador.

Por sua Maria Bonita
Corisco, mais Luiz Pedro
E outras cabras da batida
É o vento que tudo varre
No tempo sem ter guarita

(MAXADO, s.d.)

A companhia de Maria Bonita e o seu bando, talvez tornem Lampião, neste contexto, um homem sensível, o tornando forte. O herói emblemático mexe com o imaginário popular através de sua astúcia, esperteza, inteligência e sabedoria. Dessa forma, a violência e coragem não são suficientes para justificar o mito. O folheto não exalta nenhum tipo de vitória contra à policia e satanás. O céu e o inferno não combinam com o lendário Lampião, ao passo que:

Ficou Lampião vagando
Como uma alma penada
Girando pelo espaço

Sem ter pouso ou parada
Perturba aqui e acolá

O autor descortina as andanças de Lampião ao ponto de tirar o seu deleite quando ele toma consciência de um universo que não lhes é permitido mais. Estabelece uma relação do paraíso com a história de Adão e Eva, mostrando o entre lugar céu e inferno.

Maxado faz uma analogia entre o Paraíso e o Nordeste, de maneira irônica e diz que o paraíso é uma terra mais esturricada do que o Sertão, com rachaduras no chão, com tempo de seca dura. A pesar de Lampião ter enfrentado muitas lutas, o paraíso seria o lugar mais próximo do seu território por caracterizar melhor a caatinga, o sertão.

Foi ao Paraíso mas viu
Que ele não mais existia
Após a saída d' Adão
Que d' Eva sempre comia
Aquele fruto proibido
A maçã da estrepolia

(MAXADO, s.d.)

A simbologia da maçã expressa a relação amorosa, a fruta do amor, mas também do pecado, tudo que é proibido despertar no outro o desejo de fazer, o que aconteceu com Adão e Eva.

Na escrita dos versos, os passos do cangaceiro Lampião são visitados tanto no purgatório quanto no paraíso. Tais lugares não condizem com a real situação do personagem, levando-o a retornar a sua terra de origem, o sertão, pela qual ele é enceguorado.

Assim voltou pro Sertão
Por quem ele é enceguorado
Vive baixando em médiuns
Em Walmir Gaia tem baixado
Pistoleiro conterrâneo
Que vira Cão quando tomado

(MAXADO, s.d.)

Assim, a literatura de cordel representa em face desses folhetos, histórias relacionadas ao contexto histórico do lugar de origem. Fatos que são absorvidos como verdades e outros como absurdos, recheados de lendas e mitos como nas histórias de Lampião. O processo de articulação é confundido através de feitos, façanhas, mentiras, verdades com fatores destinados às realidades vivenciadas.

Algumas imagens do cangaceiro Lampião são mostradas de maneira sobrenatural e incabível quando retirado alguns trechos de versos do folheto em análise, podem afirmar o que fora dito através dos percursos imaginários registrados pelas regiões do Brasil.

Em Pernambuco já fez recém-nascido falar [...], Vira homem as mulheres como uma na Paraíba [...], [...] Faz filho matar os pais, xingar Deus lá na Bahia, [...]. Escondem o sol no Ceará, causando trevas e mortes, mas no Rio Grande do Norte secou mar, adoçou sal, [...]. No Marajá matou quase todos os índios burros, Em Alagoas fez negros virarem pardos dando urros [...]. No Piauí fez um boi andar falando fininho, Em Sergipe fez um cavalo dar um pequeno pulinho que saltou em Propriá.

O que ficou na história do lendário Lampião, pode ser notado em:

Lampião é o culpado
Com seus cabras da peste
Das coisas ruins que lá tem
É por isso que o Nordeste
Não sai da sua miséria
Continua seco agreste

(MAXADO, s.d.)

As condições sociais do Nordeste são fluxos das atitudes e comportamentos negativos de Lampião, levando-o a ser culpado e responsável por tudo que assolava a miséria e a seca do sertão. A sociedade da época do cangaço quem tinha poder maior eram os coronéis ou político. Lampião entrou no cangaço e representa nos tempos atuais um “homem ambíguo”.

4. Considerações finais

Lampião e o cangaço tornaram-se nacionalmente conhecidos. Seus feitos têm sido frequentemente temas de romancistas, poetas, historiadores e cineastas, e fonte de inspiração para as manifestações da cultura popular, principalmente a literatura de cordel.

Sobre o Cangaço, Maxado soube bem definir em versos a "aristocracia cangaceira", (como define Lampião) que tem suas regras, sua cultura e sua moda. As roupas, inspiradas em heróis e guerreiros, como Napoleão Bonaparte, desenhadas e confeccionadas pelo próprio Lampião. Os chapéus, as botas, as cartucheiras, os ornamentos em ouro e prata, mostravam sua habilidade como artesão.

Descrevendo os fatos pitorescos da nossa história registrando os fatos, comentando os movimentos políticos. Franklin Maxado soube ir buscar na expressão cordelista a matéria prima para o seu trabalho. E o melhor é que, basta ir a uma feira de muitas cidades do Nordeste, para ver que o cordel de Maxado, junto a tantos outros cordelistas, continua lá fazendo esse mesmo trabalho, e com temas atuais. Seu cordel chegou como um divisor de águas do antigo para o moderno, não só na linguagem com também nos meios de produção, divulgação e comercialização.

A literatura de cordel enquanto registro cultural trata das diferentes questões que é preciso ser analisadas: os fatos históricos não somente a partir das versões oficiais, (da fala dos políticos e jornais tendenciosos) mas também através das representações dadas pelos poetas de cordel que, através dos folhetos, mostram outras visões de momentos históricos vivenciados e testemunhados por eles. Esse rico material de estudo histórico social pode ser significativo para se avaliar as imagens representativas de personagens diferentemente das encontradas nos livros didáticos e/ou na literatura oficial, bem como das versões dos fatos que circulam em diferentes meios sociais, permitindo que se resgate uma série de atitudes críticas entre os chamados setores populares quanto às representações sobre os cangaceiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia Azevedo de. *Cordel português/Folhetos nordestinos: confrontos, um estudo comparativo*. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião, o rei dos cangaceiros*. Trad.: Sarita Linhares Barsterd. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

CHIAVENATO, Júlio J. *Cangaço – a força do coronel*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

DURAN, Gilbert. *O imaginário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

HOBBSBAWM, E. J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

ISER, A Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad.: Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

LUYTEN, Joseph Maria. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATOS, Edilene. *O imaginário na literatura de cordel*. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1986.

MAXADO, Franklin. *O cordel do cordel*. São Paulo, 1982.

_____. *Lampião morreu nem Sergipe, pensando deixar o cangaço*. Serra Talhada (PE), Poço Redondo (SE) e Mossoró (RN), julho de 2002.

_____. *A alma de Lampião faz misérias no Nordeste*, [S.n.e.].

_____. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

_____. *Literatura de cordel*. São Paulo: Hedra, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do cangaço*. São Paulo: Global ed. 1982.

TRINDADE, Liana Silvia. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.